

SEMANA DE LICENCIATURA DO CURSO DE DANÇA DA UFRN
SABERES DE MATRIZES AFRICANAS E INDÍGENAS: ATRAVESSAMENTOS NO
ENSINO DA DANÇA

07 a 09 de outubro de 2026

DEART/UFRN

Teatro Laboratório Jesiel Figueiredo

Organização: Profa. Larissa Marques, Prof. Leonidas Neto, Prof. Marcilio Vieira, Prof. Marcos Bragato, Profa. Patrícia Leal, Profa. Roberta Maziero e Prof. Sebastião de Sales

Nesta edição da Semana de Licenciatura do Curso de Dança da UFRN desenvolveremos a temática envolvida com as matrizes da cultura africana e indígena como possibilidade de refletir acerca da formação pluriétnica da sociedade brasileira. O intuito é valorizar saberes que foram marginalizados pelo racismo estrutural e pelo colonialismo.

Nesta perspectiva, compreendemos a importância de ressignificar o papel da Dança como prática de resistência e inclusão social, em um movimento questionador e reflexivo acerca dos padrões de corpo e de movimento.

Historicamente, a Dança, sobretudo em sua expressão artística, tem suas bases epistemológicas construídas a partir de referências técnicas e estéticas pautadas no eurocentrismo. Sendo assim, este evento fomenta novas pedagogias para pensar o corpo, o ensino e a criação em Dança dentro de um formato que inclui: debates, oficinas e apresentações artísticas.

A programação conta com a participação de estudantes de pós-graduação do PPGArC e do PPGE da UFRN com o intuito de aproximar o campo da pesquisa e do ensino na produção de novos saberes que impulsionem o diálogo com os(as) estudantes de graduação.

Programação	07/10 - quarta-feira	08/10- quinta-feira	09/10 -sexta-feira
Provocação temática	Mainá Santana Heron Sena Joelma da Silva PPGarc	Rafael Potiguara UFPB, indígena da etnia Potiguara	Fábio Wesley PPGE
Debate	Mainá Santana e participantes	Rafael Potiguara e participantes	Fábio Wesley e participantes
Oficina	Mainá Santana Heron Sena Joelma da Silva PPGArC	Neiry Carla PPGArC	Fábio Wesley PPGE
Apresentações artísticas	Urban Sense - Luz, close e fechação! Grupo Gaya Dança Contemporânea– Fincados no Chão	Rayka/estudante do Curso de Dança - Ecovivência Rafael Potiguara - Reis canide Neiry Karla- Corpo jureMar	GDUFRN – Entre tramas e (Des) caminhos: ânsia brasileira em (com) comunidade. Samba nagô - Ponto de cultura - Associação Nagôas de Capoeira Tradicional

07/10 - quarta-feira

"Kò sí ìmòrán tí a le gbà láìsí Òṣun, nítorí òun nìkàn nì ó mú ayé gún rẹ́gẹ́."

"Não existe conselho ou caminho que se possa tomar sem Oxum, pois somente ela possui o segredo para equilibrar o mundo." (Sabedoria tradicional do Ifá)

A discussão propõe um mergulho conceitual e prático nas temáticas e princípios que organizam os corpos negros em singularidade plural. Em uma pequena apresentação teórica de percurso histórico, apresentamos como algumas negritudes se manifestaram na cena, nas pesquisas e nos fazeres contemporâneos. O objetivo central é provocar os discentes a expandirem seus conhecimentos sobre as danças afro-brasileiras e diaspóricas, tensionando o senso comum. Com esta proposta, prévia as encantarias práticas, buscamos abrir fissuras nas narrativas hegemônicas, repensando, de modo conjunto, sobre a construção de saberes negros em dança, apresentando algumas de suas formas de existência e intelectualidade.

Mainá Santana

Costura sua caminhada entre o rigor do sensível e a urgência da reinvenção. Da Escola de Bailados de Santos à experiência em Viena com Ismael Ivo e a Biblioteca do Corpo, amadureceu como intérprete em companhias como Carne Agonizante e Jorge Garcia — percurso que lhe rendeu premiações como o Denilto Gomes e o APCA. Radicada em Natal, amalgama sua experiência de 20 anos de docência em Dança com iluminação, estética cênica e produção para pensar a direção como encruzilhada. Nela, o diálogo com a psicologia e a psicanálise não se presta à finalidade terapêutica, mas atua como lente analítica sobre a subjetividade, preservando a soberania da arte como território de conhecimento e experimentação em sua essência. A ética de seu fazer permite que seus trabalhos sejam práxis para a investigação de afetos na construção da cena, por meio da fisicalidade e da materialidade. Sua trajetória é atravessada por uma inquietude política, seja na organização de debates ou na articulação por políticas públicas para melhorias para a classe. Como mestrande e pesquisadora de epistemologias negras no PPGArC-UFRN, ela entende a cultura como espaço de cuidado e de permanência de negritudes em singularidade plural. Das colaborações com o BaianaSystem à escrita crítica no Arquivos de Okan, passando por aprendizagens vitais nas culturas populares, Mainá defende a criação como o dizer específico de cada corpo, evitando dirigir quando não convidada. Especialista em Arte-Educação e mãe do Rudá, vê na arte o necessário para re-tecer a ancestralidade em si e transformar vulnerabilidades em território de presença.



Heron do Espírito Santo Sena Santana

Bacharel (2016) e Mestre (2024) em Artes Cênicas pela UFBA, e doutorando (2026) pela UFRN, o artista possui uma trajetória multifacetada que soma 29 montagens cênicas e atuações no audiovisual, como nas séries Vida de República (Canal Futura), No Caminho do Arco-íris (Canal Off, gravada em Berlim) e no longa Círculo de Ouro. Com formação complementar em interpretação e dramaturgia na SP Escola de Teatro (com Flávio Souza), iniciou na performance em 2013, circulando por espaços como a Savvy Contemporary (Alemanha) e o festival Mezereke (Áustria) com a obra Encantarias, além de idealizar o Festival de Arte Degenerada (SP, 2017) performando como a drag Flora Camburão. Nas artes visuais, expôs na Mostra de Arte Erótica e no Festival ArtZond (Rússia), sendo premiado pela Fundação Lauro Campos com a obra As Que Comandam Vão De Tra. No campo acadêmico, integra o grupo de pesquisa Gipe-Corpo, onde defendeu a dissertação EcoTramaturgias, e acumula publicações nas revistas Somática, Corpografias (Colômbia) e no coletivo Pleorama. Como escritor, publicou na revista Poema, na Ocas, o texto lírico Dios Y Ingenuidade (Costa Rica) e lançou o livro Pena, Cabaça e Cruz (2024). Jurado do Festival de Parintins em 2018, atualmente reside em Caeté-Açu (Chapada Diamantina), onde é apresentador no Centro Cultural Ápice e coordena o Festival Para-quedas de Cinema, projeto contemplado pela Lei Paulo Gustavo. Mais sobre em: www.herontico.com



Joelma Ferreira

Artista independente e intérprete-criadora na Companhia dos Pés desde 2009, onde desenvolve criação em Dança Contemporânea a partir das Danças Populares Brasileiras. Participou da trilogia dos espetáculos “Dança Baixa”, “Dança Anfíbia” e “Dança Mostro”, circulando nacionalmente através do Palco Giratório/SESC, com o espetáculo “Dança Anfíbia”; em 2024 apresentou “Dança Monstro” no Festival Internacional de Artes Cênicas do Uruguay. É doutoranda em Artes Cênicas (PPGARC/UFRN), com o foco da pesquisa em Dança das Tradições Afro-alagoanas em diálogo com Oxum; mestra em Culturas Populares (PPGCULT/UFS) com dissertação sobre mulheres negras filhas de Oxum, pesquisa que resultou no solo de dança “INUNDAÇÃO”. Após o mestrado o solo recebeu novo nome “CHEIA”, que em 2024 representou o estado de Alagoas no "Festival Cena Nordeste", edição

Olinda, em 2025 recebeu o convite do Ministério da Cultura para apresentar CHEIA no evento Mercado das Artes em Fortaleza. Já em maio de 2026 o solo foi apresentado no Itaú Cultural, em São Paulo. É especialista em Arte Educação e Sociedade (CESMAC) com trabalho voltado à Dança-educação; graduada em Licenciatura em Dança (UFAL), com pesquisa sobre as Quadrilhas Juninas de Maceió, tendo sido brincante desta tradição por 11 anos. É professora substituta do curso técnico de Dança da ETA/UFAL; desde 2014 é Arte-educadora pela Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (SEDUC/AL). Em 2020 integrou, como uma das protagonistas, o filme alagoano de longa-metragem CAVALO, onde 7 artistas negros da dança criam performances a partir da relação com sua ancestralidade, filme que, em que compôs a lista de filmes documentários brasileiros que poderiam ser indicados ao Oscar.



Apresentações:

Urban Sense – Luz, close e fechação!

Integrantes: Kell Silva, XL, Lari Nascimento, Italo Melo, Gabriela Olier, Bea Silva, Alice Martins, Tainá Oliveira, Glennyo Ryan, Lara Nicole, Vandson fonseca

A Urban Sense nasce do encontro entre a formação em Dança e a potência das danças urbanas. Um grupo que pesquisa, experimenta e cria a partir de linguagens como *Vogue*, *Waacking*, *Funk* e suas vertentes, trazendo para a cena referências que atravessam nossas vivências e nossos corpos



Grupo Gaya Dança Contemporânea - Fincados no chão

Integrantes: Alice Martins, amandalara, Bea Silva, Danilo Menezes, Doraisa, Glennyo Ryan, Kell Silva, Lara Nicole, Lara Nascimento, Vandson Fonseca, Tainá Oliveira, XL



08 de outubro – quinta-feira

Rafael Potiguara

Graduado em Dança pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Artes Cênicas (PROFARTES/ UFPB) e Graduando em Pedagogia pela UNIASSELVE. Possui pós-graduação em Arte na Educação: Dança, Música e Teatro, em Educação Inclusiva/Educação Especial e pós-graduação em Gestão e Produção Cultural (UEPB). É especialista em Formação de professores de arte para escola da adolescência. Professor da Educação Básica no componente curricular arte, Professor efetivo da Prefeitura municipal de Sapé e Professor indígena no município de Baía da Traição. Participa do coletivo pé de maré (Transversos corporais) e é membro do grupo de pesquisa Cena Preta da UFPB. Também, atua como Professor no Curso

de Pós-graduação em Ensino de arte e cultura popular brasileira e Professor no Ensino superior no Curso de Graduação em Pedagogia (Instituto de especialização profissional – IPE). É indígena da etnia Potiguara, natural de Baía da Traição - PB. Pesquisador das manifestações culturais com direcionamento na cultura indígena Potiguara da Paraíba, e faz emersão na cultura popular com foco no coco de roda, com estudos voltados para o Grupo Coco de roda Joana Ferreira.



Neiry Karla

Doutoranda em Artes Cênicas UFRN, Mestra em Artes Cênicas UFRN, Pós-graduada em ensino de Teatro- IFRN e Ensino Profissional e Tecnológico-IFES, Licenciada em Teatro UFPB. Integrante das Cias de teatro: Brincante- PB, GECA- PB e Saltimbancos- PB. Pesquisadora em culturas populares negras, indígenas e nordestinas.



Apresentações:

Rayka (Rayane Kaline) Performance: Ecovivência

Ecovivência é uma performance que nasce de uma experiência pessoal vivenciada durante o período em que morei em uma aldeia. Essa experiência despertou em mim uma forte sensação de pertencimento e uma conexão profunda com aquele território, com a natureza, com as pessoas e com as memórias construídas naquele lugar.

A partir dessas vivências, a performance investiga as relações entre corpo, memória, natureza, território e pertencimento, trazendo para o movimento sensações de liberdade, simplicidade, presença e reconexão.

As lembranças da infância, das brincadeiras, do contato com a terra, da água, dos animais e dos sons da natureza atravessam a criação e são transformadas em movimento. O corpo torna-se um lugar de memória, onde essas experiências permanecem e podem ser revisitadas.

Ecovivência propõe um retorno ao simples: respirar, sentir, brincar, caminhar, observar e estar presente. Um convite para perceber como determinados lugares podem permanecer dentro de nós e continuar nos transformando mesmo depois que partimos.

Rayka (Rayane Kaline) é artista da dança e estudante de Licenciatura em Dança pela UFRN. Sua trajetória reúne experiências no balé, nas danças populares, nas danças urbanas, na dança contemporânea e na improvisação, com passagem pela EDTAM, CAIC, Grupo Parafolclórico da UFRN, Primeira Escola de Danças Populares de Natal e Grupo Cinese da UERN.



Rafael Potiguara - Reis canide

O processo criativo busca estabelecer diálogos entre a prática do ritual do toré Potiguara com a investigação em Dança numa perspectiva contemporânea. A partir da expressão cultural do toré busca-se identificar pelo corpo novas possibilidades de criação tentando entender os aspectos simbólicos, espaciais e temporais, relacionados às corporalidades ali constituídas,

além disso, entende-se que esta investigação dá suporte para reafirmar a identidade étnica e cultural do povo Potiguar.



Neiry Carla – Corpo jureMar

Corpo jureMar é uma performance em processo de experimentação e construção, atravessada pelos elementos da Jurema Sagrada — ervas, vela, cachimbo, fogo e fumaça — e pelas memórias, gestos e forças dos Mestres e Caboclos. O cachimbo firma o caminho, a vela acende a passagem, as ervas guardam memórias e a fumaça espalha a presença. Como uma maré que vai e volta, o corpo se transforma continuamente, entre o visível e o invisível, deixando que tempos, gestos e presenças se encontrem no agora. Um corpo que se faz fumaça, fluxo e vestígio; um corpo que aprende a ser atravessado enquanto atravessa.



09 de outubro – sexta-feira

Fábio Wesley Marques dos Reis

Graduado em Educação Física pelo UNIFACEX. Atua como profissional na APAE de Ceará-Mirim e é brincante do grupo folclórico Cabocolinhos de Ceará-Mirim. É mestrando do

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), sob orientação do Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira.



Oficina de Caboclinhos

Na oficina sobre a Dança Cabocolinhos de Ceará-Mirim/RN será organizada em três momentos. No primeiro momento, será abordado o início dessa Dança/brincadeira e suas transformações com o passar dos anos, além das partes de apresentação e dos personagens que compõem a brincadeira/Dança Cabocolinhos. No segundo momento, o foco será nos ritmos e movimentos principais. No terceiro momento, haverá uma roda de conversa final sobre a oficina.

Apresentações:

Grupo de Dança da UFRN (GDUFRN) - Entre Tramas e (Des)caminhos: Ânsia brasileira em (com)unidade.

Duas cenas. Dois espetáculos. Um convite para sentirmos os ares da Amazônia dançada em (Des)Caminhos e nos sentirmos em comunidade na cena final de Tramas e Outros fios, ambos espetáculos do GDUFRN.

Coordenação e composição coreográfica: Teodora Alves

Coordenação adjunta: Sávio de Luna

Assistência de Direção: Jane Andrade, Isaías Souza e Yara Camiz.

Produção: Amanda Dantas e Flanklysia Damasceno

Intérpretes criadores: Aesla David, Eduarda Ribeiro, Emilyly Stephane, Felipe Galvão (Felritz), Heloísa Lopes, Isaías de Souza, Jane Andrade, Letícia Fernandes, Ruth Dantas, Sabrina Luz e Yara Camiz



Foto: @artedeunier @oh_kerou

Samba Nagô - Associação Nagôas de capoeira tradicional

SOMOS O SAMBA NAGÔ! Um coletivo cultural para difusão e preservação do Samba de Roda Caboclo e Rural. Criado a partir do desejo das mulheres da Associação Nagôas em representar com o corpo as nossas raízes musicais tradicionais, trazendo os elementos que compõe essa ramificação da nossa cultura popular expressada em canto, som, dança, cores e sentimentos.

